

# FUKUZAWA YUKICHI E O PAPEL DOS INTELECTUAIS DOS ESTUDOS OCIDENTAIS NA SOCIEDADE MEIJI FUKUZAWA YUKICHI AND THE ROLE OF WESTERN STUDIES INTELLECTUALS IN MEIJI SOCIETY

*Luis Guilherme Libaneo de CAMARGO<sup>1</sup>  
João Marcelo MONZANI<sup>2</sup>*

**Resumo:** *Gakumon no susume* é uma das principais obras de Fukuzawa Yukichi (1834-1901) e uma das mais importantes sobre educação na sociedade japonesa. Um compêndio de escritos sobre educação e individualidade, em seu quarto volume, Fukuzawa postula que os intelectuais de estudos ocidentais deveriam focar seus esforços na modernização do Japão fora dos âmbitos oficiais do governo Meiji, dedicando-se ao campo privado. Katô Hiroyuki, Mori Arinori, Tsuda Mamichi e Nishi Amane, no entanto, defendem que tais indivíduos devem dedicar-se ao avanço civilizatório da posição que preferirem. Neste artigo, pretendemos mostrar como o este volume da obra serviu de base para as discussões figuradas nos artigos do segundo volume da *Revista Meiroku* em relação à postura dos intelectuais japoneses dos estudos ocidentais diante das afirmações de Fukuzawa e como estes textos apresentam certa discrepância de pensamentos e ideias.

**Palavras-chave:** Associação Meiroku, Fukuzawa Yukichi, Gakumon no Susume, Educação, Pensamento japonês.

**Abstract:** *Gakumon no susume* is one of the main works by Fukuzawa Yukichi (1834-1901) and one of the most important on education in Japanese society. A compendium of writings on education and individuality, in its fourth volume, Fukuzawa Yukichi posits that Western studies

---

1 Instituição: Universidade de São Paulo; membro do grupo de pesquisa “Pensamento Japonês: princípios e desdobramentos”, cadastrado no CNPq pela USP; e-mail para contato: luislibaneo@gmail.com; número orcid: 0000-0001-5579-458X.

2 Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro; membro do grupo de pesquisa “Pensamento Japonês: princípios e desdobramentos”, cadastrado no CNPq pela USP; e-mail para contato: joamarcelo.monzani@gmail.com; número orcid: 0000-0003-4985-2442.

intellectuals should focus their efforts on the modernization of Japan outside the official realms of the Meiji government, devoting themselves to the private field. Katô Hiroyuki, Mori Arinori, Tsuda Mamichi and Nishi Amane, however, defend that such individuals should dedicate themselves to the civilizational advancement at the position they prefer. In this article, we intend to show how the fourth volume of the work served as the basis for the discussions figured in the articles of the second volume of *Meiroku magazine* in relation to the posture of Japanese scholars of Western studies regarding Fukuzawa Yukichi's statements and how these five texts present certain divergences of thoughts and ideas among the five intellectuals of the Meiroku Society.

**Keywords:** Meiroku Society, Fukuzawa Yukichi, *Gakumon no Susume*, Education, Japanese Thought.

O segundo volume da *Revista Meiroku*, publicado em 8 de abril de 1874, trata exclusivamente da discussão do quarto ensaio de *Gakumon no Susume* (Incentivos ao Estudo), de Fukuzawa Yukichi, membro fundador da Meirokusha, feita pelos seus colegas Kato Hiroyuki, Mori Arinori, Tsuda Mamichi e Nishi Amane. O ensaio faz parte de um compêndio de 17 ensaios escritos por Fukuzawa entre 1872 e 1876, sobre os méritos da educação na formação do indivíduo, e publicados por Fukuzawa através de sua instituição privada de ensino, a *Keio Gijuku* - fundada em 1858, ainda no período Edo, e ativa até hoje, sob o nome *Keio Gijuku Daigaku* ou *Keidai*.

Este quarto ensaio, publicado originalmente em 1874, intitulado de *Gakusha no shokubun wo ronzu* (Discussão sobre o papel dos acadêmicos), traz as visões de Fukuzawa sobre a importância da educação privada na independência do Japão, criticando os intelectuais dos estudos ocidentais que tomaram posições no governo Meiji, como muitos de seus colegas do grupo Meiroku. Primeiramente, vamos fazer um levantamento dos principais pontos de *Gakusha no shokubun wo ronzu* através de excertos do texto original, por nós traduzidos. Então, prosseguiremos para os artigos figurados na *revista Meiroku* sobre os pontos levantados por Fukuzawa. O argumento do autor é o de que os preceitos da civilização seriam mais bem difundidos para as classes mais baixas da sociedade através de esforços privados dos intelectuais dos estudos ocidentais e não por ações governamentais. Mostraremos aqui como Katô Hiroyuki, Mori Arinori, Tsuda Mamichi e Nishi Amane enxergavam essa linha de pensamento de seu colega, o professor Fukuzawa Yukichi.

Abordaremos a questão através de uma leitura cerrada das respostas dos autores acima mencionados ao texto de Fukuzawa, respostas essas publicadas no segundo volume da revista *Meiroku Zasshi*. Traduzidos aqui pela primeira vez ao português, esses textos formam um primeiro conjunto de reflexões a cerca da função do intelectual na sociedade japonesa moderna. As relações entre pensadores e Estado foram muitas vezes tensas no Japão: lembremos por exemplo das figuras de Mori Ôgai e Natsume Sôseki no final da era Meiji. A questão tornou-se particularmente pungente no período do governo militar que antecedeu e acompanhou a Segunda Guerra Mundial, tendo como um dos seus estopins o assassinato pela polícia do intelectual e escritor marxista Kobayashi Takiji. Dada a importância do tema, faz-se aqui um estudo detalhado desta primeira configuração do debate.

Fukuzawa abre *Gakusha no shokubun wo ronzu* afirmando que o Japão corre o risco de perder sua independência e liberdade pois as três esferas que seriam baluartes da civilização e garantias da independência nacional - Economia, Ciência e Lei - ainda não se desenvolveram no Japão da Restauração Meiji. O autor nos explica a razão:

Desde a Restauração Meiji, talentosos homens em cargos oficiais dedicaram todas suas habilidades aos problemas da nação. Mas por causa de certos obstáculos inevitáveis em seus caminhos, o progresso foi mais lento do que o esperado. Os obstáculos principais são a ignorância e analfabetismo do povo. O governo entende muito bem o que são esses obstáculos e estão a promover o aprendizado, os esclarecimentos da lei e incentivando novas empresas e negócios. Ele se ocupa tanto em instruir o povo quanto em tomar a iniciativa em várias dessas empresas. E no entanto, os resultados não obtiveram sucesso até agora, por mais que tente-se várias formas possíveis. Na realidade, o governo é ainda tão despótico quanto antes, e o povo continua ignorante e fraco de corpo e de espírito. O pequeno progresso feito é totalmente desproporcional às quantias de dinheiro e energia empregadas. E por que isso? Em última análise, é porque o processo de civilização de uma nação não pode se dar somente através do poder do governo. (FUKUZAWA, 1872<sup>3</sup>)

Depois da Restauração Meiji, em 1868, o antigo governo do xogunato Tokugawa deu espaço para uma nova forma de governo, centralizada na figura do Imperador Meiji. Seguindo princípios encontrados em civilizações europeias, com as quais o Japão estava voltando a ter contato depois de anos de semi-isolamento oficial, o novo governo era composto por indivíduos que deveriam buscar novas formas de administrar o país. Uma das principais críticas tecidas por Fukuzawa é o trato do povo pelo corpo governamental; o xogunato era um sistema autoritário, onde a classe samurai segurava o poder político e tratava as classes abaixo - aqueles a quem Fukuzawa chama de povo - com rigidez. Para o autor, medo e opressão eram algo comum no governo samurai. Com o novo governo Meiji, então, Fukuzawa nutria a esperança de que as coisas seriam diferentes, com a liberdade e dignidade sendo entregues às grandes massas através de novas ideias promovidas não só pelo governo, mas também pelas pessoas “iluminadas” dessa nova geração da História do Japão. No entanto, para o autor, isso não se dá pois o governo Meiji ainda emula o comportamento do antigo xogunato.

Fukuzawa afirma que o xogunato Tokugawa, através de práticas despóticas e autoritárias, criou no povo japonês um espírito desonesto e corrupto:

Enganadores e ladrões da paz, escapando de punições contando mentiras. A fraude e os subterfúgios tornaram-se ferramentas do viver, injustiça e desonestidade tornaram-se rotina. Ninguém sentia vergonha e ninguém questionava nada. Toda a honra desfez-se e sumiu com o vento. Como homens assim poderiam ter tempo para amar sua nação? (FUKUZAWA, 1872)

---

3 Recurso eletrônico sem paginação.

Na visão do autor, o novo governo Meiji revisou suas falhas autoritárias externamente, mas por dentro, ele continua o mesmo desde os dias do xogunato e, obviamente, o povo continua agindo da mesma forma. Pois mesmo com vários direitos garantidos com a entrada das Reformas Meiji, o espírito desonesto “resiste a mudanças abruptas”.

Para Fukuzawa, essa dicotomia do governo autoritário/povo desonesto permeia a sociedade japonesa por um todo e impede que a civilização seja alcançada. O caminho para o progresso estaria nas mãos dos intelectuais, acadêmicos dos estudos ocidentais. Entretanto:

Eles não estão completamente à altura desta tarefa. A quantidade de acadêmicos aumentou ultimamente e eles lecionam sobre textos ocidentais ou leem traduções. Eles parecem exercer muito esforço, mas na verdade existem alguns cujas atitudes me incomodam. Muitos estão meramente lendo palavras sem compreendê-las, ou, mesmo com a compreensão, eles não têm a honestidade de colocar seus significados em prática. Tenho mais algumas dúvidas sobre seus comportamentos: tais intelectuais e cavaleiros estão cientes da existência de seus cargos públicos, mas não têm noção de suas existências privadas - eles sabem ficar acima do governo, mas não abaixo dele. No final das contas, eles não conseguiram livrar-se dos maus hábitos dos intelectuais dos estudos chineses. Eles possuem corpos chineses, mas vestem roupas ocidentais.

Darei uma prova disso: atualmente, a maior parte desse tipo de acadêmico dos estudos ocidentais faz parte do governo. Posso contar nos dedos os poucos envolvidos no setor privado. A razão para esta tendência é que aqueles possuem ganância de lucros e desejam saciar suas longevas ambições pela fama. Mas a razão disso não pode ser somente atribuída à ganância pelo lucro. Por causa de sua arraigada educação, eles possuem o desejo único de tornarem-se oficiais do governo, obcecados com a noção de que nada pode ser alcançado sem ser através do governo. Mesmo pessoas de alta autoridade e reputação são enquadradas nesta categoria de acadêmicos-oficiais. Suas condutas são como de escravos, mas suas intenções não são sempre ruins - acontece que eles acabam intoxicados com o espírito da sociedade, ficando sem a noção de como suas condutas são desprezíveis. Isso é verdade até mesmo para os acadêmicos de grande reputação. Como as pessoas não gostariam de imitá-los assim?

Se um jovem estudante lê alguns livros, ele já começa a aspirar por um cargo no governo. Mercadores jovens e ambiciosos desejam fazer seus negócios em nome do governo assim que juntam um pequeno capital. As escolas são licenciadas pelo governo, assim como palestrantes, pecuária e sericultura. Quase 70% ou 80% das empresas privadas possuem conexões com o governo. Assim, a mente das pessoas é retorcida seguindo os meios governamentais. Ninguém tem a honestidade de ser independente. Esta conduta desgraçada é insuportável. (FUKUZAWA, 1872)

Os acadêmicos dos estudos ocidentais são menos eficientes para exercer suas funções no governo do que seriam na iniciativa privada. Fukuzawa acredita que esses indivíduos se iludem com a noção de que através do governo o progresso da civilização poderá ser alcançado. O ponto de Fukuzawa é justamente o contrário. Para ele, somente a iniciativa privada teria os meios necessários para avançar a nação; contudo, os homens que deveriam agir nos meios privados, preferem tomar o caminho ineficiente do serviço público. Para Fukuzawa, essa ilusão vem de uma longa tradição que não é facilmente quebrada, algo que o autor chama de “espírito da sociedade”. Uma mentalidade servil e retrógrada, herança do período samurai. Com isso, qualquer distanciamento do governo torna-se praticamente impossível, o que gera um círculo vicioso em que mais e mais jovens se veem encantados com as possibilidades de uma carreira pública através dos estudos ocidentais, fomentando continuamente as ações do governo em cima da sociedade. Fukuzawa encara isso de forma negativa, afirmando que a mente das pessoas fica cativa do modo de fazer do governo, não ocorrendo, portanto, nenhuma mudança significativa.

Fukuzawa ainda aponta a subserviência dos editores de jornais que publicam editais que endossam o governo. Desonestos em suas atitudes pouco críticas, beirando a loucura ao ferir sem vergonha nenhuma os direitos humanos básicos com elogios ao governo, como se fosse uma entidade divina, tais homens eram quase todos intelectuais dos assuntos ocidentais. O autor afirma: “No Japão, é correto dizer que só existe governo, mas não existe povo. Concluo que esta leva atual de acadêmicos dos estudos ocidentais não são capazes de eliminar o espírito antigo do povo, guiando a nação japonesa rumo ao avanço.”

Portanto, qual a saída rumo à civilização? Se os intelectuais e o governo, que deveriam estar cumprindo essa tarefa não o fazem, quem poderia fazer? Fukuzawa afirma que ele mesmo estaria apto para o serviço, ser um exemplo de acadêmico ligado à instituição privada e por isso, livre e independente:

O governo não pode ser o único agente de promoção da civilização e de manutenção da independência nacional. Também não podemos contar com os acadêmicos dos estudos ocidentais. Por isso, sinto que posso liderar o caminho tanto para a massa inculta do Japão quanto para tais acadêmicos. Meu próprio aprendizado é inadequado, obviamente, mas estou há tempos envolvido com os estudos ocidentais e encontro-me acima da média das pessoas, atualmente. Se eu não encabecei pessoalmente as mais recentes reformas da sociedade, acredito ter tido uma influência indireta sobre elas. Mesmo que tal influência seja mínima, fico satisfeito com as reformas e tenho certeza que o povo irá considerar-me um reformista. Como já possuo o nome de um reformista e ocupo um cargo acima da média, pode haver algumas pessoas que irão tomar-me como um modelo. Caso assim seja, deverá ser minha a responsabilidade de guiar o povo.

Para ser possível conquistar algo, é melhor persuadir do que comandar. E melhor que persuadir, é dar um exemplo pessoal. Isso sendo verdade, o governo possui somente o poder de comandar; a persuasão e o exemplo pertencem ao setor privado. Por isso, deixem-me tocar minha empresa privada e lecionar sobre as artes do aprendizado, dos negócios, da discussão das leis, da escrita e da publicação. Deixem-me fazer tudo isso segundo os limites de minhas capacidades e sem ofender a ninguém. Deixem-me cuidar corretamente de meus assuntos dentro dos confins da lei. Caso eu sofra injustiças devido a decretos governamentais, eu deveria poder repreender o governo sem subserviência. Pois é de extrema urgência atual que o governo desperte para a necessidade de acabar com antigos abusos e revitalizar os direitos do povo.

(...)

Mas um exemplo concreto é melhor do que cem argumentos. Por isso uso de exemplo meu próprio trabalho privado. O ponto que pretendo defender é que os assuntos humanos não devem estar meramente sob controle do governo. O governo e o povo são o que são: o governo japonês e o povo japonês. Por isso, deve ser mostrado ao povo que ele pode contatar o governo sem nenhum medo e suspeita. Assim que ambos forem entendendo seus objetivos, os espíritos enraizados do despotismo governamental e da subserviência popular irão gradualmente desaparecer. Nascerá um povo japonês que servirá de estímulo ao governo em vez de mero juguete, pela primeira vez na história. Academia, negócios e leis irão voltar a seus donos de direito. Haverá o equilíbrio de poder entre governo e povo, através do qual conseguiremos preservar a independência nacional. (FUKUZAWA, 1872)

Podem parecer arrogância de sua parte, mas considerando suas visões acerca dos padrões sociais e educacionais do Japão, é natural que o autor pensasse de tal forma. A educação japonesa, centralizada nos sistemas de *hangaku* e *terakoya*<sup>4</sup>, era muito influenciada pelo pensamento Confucionista chinês, que inevitavelmente gerava uma relação de subserviência entre o povo e o soberano. Basicamente, o confucionismo postula a harmonia entre todas as pessoas, a natureza e o mundo, e tal harmonia acaba tomando forma nas relações interpessoais. Das cinco grandes relações interpessoais, temos a relação soberano-povo, marido-mulher, pai-filho, irmão mais velho-irmão mais novo e amigo-amigo. Essas relações muito pautadas na noção de família espelham-se umas nas outras, de forma que o soberano assumia uma identidade paterna. Em um sistema que coloca tremenda importância em conceitos como piedade filial e lealdade e existindo paralelos claros entre estado e família, uma grande onda de tradição e dependência acaba surgindo. Para Fukuzawa, tradição e dependência eram termos que deveriam ser antagonizados, visto que o cerne de seu pensamento pode ser interpretado

---

4 *Terakoya* eram pequenas instituições privadas educacionais do período Edo (1600-1868), organizadas em templos budistas. Localizadas com predominâncias nos grandes centros urbanos como Edo e Osaka, eram destinadas aos filhos da classe samurai e, mais tardiamente no período, aos filhos da classe mercantil, que entrou em ascensão no século XVII. *Hangaku*, por sua vez, eram escolas voltadas para os samurais cujos clãs localizavam-se nas regiões mais provinciais e, ao contrário do *terakoya*, eram organizadas pelos próprios clãs.

como a busca pela independência, que vem somente com a busca pela educação. Fukuzawa acreditava que a única barreira que causava diferença entre as pessoas vinha da educação, mas ao longo dos anos, os vários governos do Japão impediram sua proliferação. (Nishikawa, 1993, p. 5)

Entretanto, Fukuzawa sentia que seu trabalho na rede privada poderia difundir o conhecimento de forma mais incisiva, transformando a forma de pensar e agir do povo, garantindo assim, a independência e a civilização. A *Keio Gijuku* foi fundada por Fukuzawa em 1858, para ensinar a língua holandesa para os clãs samurai da província de Nakatsu, em especial os membros do clã Okudaira, do qual provinha a família de Fukuzawa. Durante os conflitos finais do Bakumatsu<sup>5</sup>, Fukuzawa recusou fechar os portões da instituição, por mais que o número de alunos minguasse devido ao alistamento militar. (Keiogijuku University, p. 12). Após a Restauração Meiji, a Keio Gijuku não aceitou o título de universidade pública - de fato, o título “Universidade” só seria concedido à instituição décadas depois, em 1920.

Podemos perceber em Fukuzawa uma grande resistência em associar-se ao governo Meiji, sua insistência na iniciativa privada é sentida até mesmo em como o homem administrava sua escola. Essa aparente desconfiança com o poder público explica-se pela predileção e busca da independência e autorrespeito, os preceitos base da filosofia de Fukuzawa, que, aos seus olhos, não eram cultivados pelo governo Meiji.

Essas são as linhas gerais que Fukuzawa apresenta em *Gakusha no shokubun wo ronzu*: a exaltação da independência e da individualidade do acadêmico dos estudos ocidentais, que deve cumprir seus deveres sociais como educador e pensador, completamente desassociado do governo. Os contribuidores seus colegas da Meirokusha, portanto, constroem suas respostas em cima dessas afirmações. Katō Hiroyuki, o membro que provavelmente tinha o perfil mais próximo ao de Fukuzawa, (Hiroyuki fora um educador, agindo como instrutor do imperador Meiji sobre legislação internacional), aponta no discurso de Fukuzawa a aparente tendência liberal.

Ainda que meu caro amigo considere deplorável a presença de acadêmicos de estudos ocidentais no governo, sinto que é particularmente urgente ter o cultivo interno (no governo), não obstante a importância do estímulo externo (do povo) e do cultivo interno (no governo). Portanto, é sempre apropriado que os acadêmicos dos estudos ocidentais sirvam ao governo se estiverem inclinados para tal. A discussão do meu amigo é *liberal*, e o *liberalismo* nunca será inapropriado. O progresso dos vários países europeus no mundo moderno é naturalmente um triunfo do *liberalismo*. E, no entanto, o poder do Estado acaba sendo enfraquecido se houver grande excesso de *liberalismo*. Uma

---

5 O chamado *Bakumatsu* é o termo que designa os anos finais do xogunato Tokugawa, de 1853 a 1868, quando uma confluência de forças externas e internas trouxe o fim do xogunato e a ascensão da Revolução Meiji.

nação jamais sobreviverá caso o poder estatal seja minado. Um cavaleiro de nome Frantz afirma em sua *Physiologie van Staaten*<sup>6</sup>:

Ainda que os partidos *Libera*” e *Comunista* sejam completamente opostos, ambos estão errados. Pois ambos fracassam em perceber a razão dos poderes estatais e privados serem separados. Já que o partido *liberal* deseja energicamente expandir o poder popular e reduzir o poder do Estado, ele assume que serviços públicos como educação, comunicação e correios podem ser controlados pela iniciativa privada, sem interferência do governo. O partido *comunista*, por sua vez, afirma que o Estado deve gerir toda a agricultura, indústria e comércio, expandindo vigorosamente o poder estatal e diminuindo o poder privado. Devemos temer a possibilidade de cometermos um erro voltado às visões do partido *liberal* caso enfatizarmos o estímulo externo (pelo povo) enquanto não levamos a sério as maquinações internas (o governo). Portanto, sendo ambos os assuntos, privado e governamental, importantes, sinto que seria melhor se os acadêmicos dos estudos ocidentais evitassem seguir apenas um curso, de forma que alguns rumem para o governo e outros, para a iniciativa privada, de acordo com seus talentos e treinamentos. (KATÔ, v. 2-1 in YAMAMURO e NAKANOME, 1999, p. 66-7)

Katô adota uma postura que procura suavizar o posicionamento de Fukuzawa, tentando resgatar os pontos do colega a partir da harmonização entre as tendências comunistas e liberais. Ao fazer uso das palavras do filósofo alemão Constantin Frantz, um nome contemporâneo da Meirokusha, relativamente polêmico e obscuro da filosofia política alemã, Katô demonstra ser um conhecedor do pensamento político e da língua alemã, sendo um dos primeiros japoneses a estudar e dominar o idioma. O autor admite que embora a postura liberal de Fukuzawa seja bem-intencionada, diminuir o poder do Estado com o aumento da iniciativa privada pode ser um equívoco, advogando que os acadêmicos tomem o rumo que mais acharem apropriado para seus trabalhos.

Katô usa os termos “estímulos externos” e “maquinações internas” fazendo alusão a um paralelo feito por Fukuzawa no início de *Gakusha no shokubun wo ronzu*, para explicar a relação ideal entre os setores público e privado, ou melhor, sobre como o povo e o governo deveriam relacionar-se:

“(…) Claramente, a administração pública é o dever do governo, mas existem várias áreas das relações humanas em que o governo não deve se envolver. Assim, um país só pode ser organizado com sucesso se o governo e o povo estiverem lado a lado. Devemos cumprir nossos deveres como povo e o governo deverá cumprir seus deveres como governo, um auxiliando ao outro para manter o equilíbrio da independência nacional.

---

6 Gustav Adolph Constantin Frantz (1817-1891), filósofo político alemão. O título completo da obra citada por Katô é *Vorschule zur Physiologie der Staaten*, de 1857.



Deve haver equilíbrios de poder na manutenção de qualquer sistema. Por exemplo, para que mantenhamos nossa saúde física, é necessário comida, ar e luz do sol. Respondemos internamente a estímulos externos como frio, calor, dores, coceiras, de forma a criar uma harmonia de nossos movimentos corporais, maquinações. Se os estímulos externos repentinamente cessassem, deixando o corpo apenas com suas maquinações, nossa saúde não aguentaria nem ao menos um dia. Com uma nação, isso ocorre da mesma forma. O governo são essas maquinações. Para a manutenção da independência de uma nação em harmonia, é necessário equilíbrio entre o poder governamental interno e o estímulo externo da população. O governo é o corpo e o povo são os estímulos externos. A nossa independência também não duraria um dia se os estímulos externos cessassem, restando apenas as maquinações do governo. (FUKUZAWA, 1872)

Fukuzawa descreve um cenário em que as esferas do público e do privado, representadas respectivamente pelo governo e pelo povo, devem atuar em parceria e harmonia, “lado a lado”, gerando um equilíbrio entre poderes. Este equilíbrio é descrito pelo esquema dos estímulos externos alterando as maquinações internas do corpo humano. O poder privado seria uma fonte de estímulos externos ao corpo e suas maquinações, sendo necessário para a manutenção da vida. Ou seja, se o corpo humano deixasse de receber calor, ele morreria. Assim, Fukuzawa afirma que a nação não deve existir apenas com o poder público, a iniciativa privada é fundamental para estimular o governo a sair de suas posturas autoritárias.

Tsuda Mamichi, que fora notável membro do governo Meiji, atuando como senador e emprestando seus saberes sobre legislações ocidentais, refere-se à passagem de Fukuzawa da seguinte forma:

Uma nação pode ser comparada a uma pessoa. Referir-se ao governo como uma força vital e ao povo como um estímulo externo – como o faz Fukuzawa – parece ser, no entanto, uma metáfora errada. Se o povo for igualado a um estímulo externo, ele será comparado a uma entidade exterior ao país. Todavia, o povo é um fator do interior do país. Um estímulo externo deve ser comparado com relações estrangeiras. Sinto que o governo é como o espírito e o povo é o corpo. Assim como uma pessoa é formada juntando o corpo e o espírito, uma nação é criada juntando povo e governo. Um corpo sem espírito é um cadáver e um espírito desencarnado não é um ser humano. Da mesma forma, pode haver povo, mas sem um governo, ele não forma um país. Um governo sem povo também não é um país. Além do mais, ainda que seja pensado que o corpo deva seguir as direções do espírito, nem sempre isso é o caso. Existe a lei natural que controla o corpo. Se ele for forçado artificialmente para além de sua lei natural, o espírito também irá se desgastar e a pessoa ficará fraca e acabará morrendo. O corpo ficará cada vez mais forte se nutrido conforme as leis naturais. No entanto, é deplorável o fato de que, sob condições existentes em nosso país atualmente, existem poucas pessoas independentes de espírito. Não só poucas. Praticamente inexistentes. (TSUDA, v.2-3 in YAMAMURO e NAKANOME, 1999, p 73-4)

Tsuda remove a analogia fisiológica de Fukuzawa, transpondo-a para alusões metafísicas, de corpo e alma. O pensamento de Tsuda Mamichi aponta para as noções da essência de um país jazerem na junção de corpo e espírito, ou seja, governo e povo, negando a ideia de Fukuzawa de que o povo é como um estímulo externo. Ele ainda coloca a noção da “lei natural”, que rege o corpo e por extensão, tem influência no espírito. Se a lei natural se exceder no corpo, o espírito padecerá. Numa linha semelhante, Nishi Amane também traça um comentário sobre o esquema fisiológico de Fukuzawa:

Fukuzawa comparou o governo com a força vital no corpo humano e o povo a um estímulo externo. Embora essa discussão seja o cerne lógico de suas ideias, sou obrigado a me posicionar quanto a isso. Não haveria problemas, afinal, se o estímulo externo fosse aplicado de forma correta. Entretanto, pode-se temer que uma doença mais grave venha a se desenvolver se a força vital básica seja estimulada em excesso. Por exemplo, um homem de olhos fracos pode machucá-los ainda mais ao expô-los a um forte estímulo de luz. Tudo ficará bem se o estímulo externo for aplicado aos poucos, conforme o povo caminha em direção à iluminação. Mas devemos evitar excessos no caso de um estímulo artificial. No geral, ele não poderá ser aplicado através de artifícios humanos e nada poderá ser feito quando os resultados deste estímulo tiverem surgido.

(...)

Assumindo, então, que o governo é o espírito vital, é necessário que os acadêmicos sirvam no governo, já que para causar a pulsação do espírito, deve-se administrar a quinina. Se aceitarmos o povo como estímulo, é essencial que os acadêmicos operem em vida privada, já que o estímulo deve ser invariavelmente moderado. Entretanto, uma ênfase unilateral em academicismo privado sem nutrir tal espírito é como uma pessoa de saúde frágil pegar uma gripe e ter febre após ficar exposta ao relento. Essa gripe não se desenvolverá para uma doença fatal? (TSUDA, idem, p. 80-1)

Nishi retoma a analogia do estímulo externo e das maquinações (ou força vital) do corpo humano. No entanto, ele adiciona uma nova linha de interpretação, afirmando que um estímulo externo que seja artificial e muito forte, poderia causar danos ao corpo. A ideia de que o povo não está apto para a modernidade e, portanto, deve ser guiado rumo à civilização ecoa as ideias que Fukuzawa apresenta, no entanto, Nishi defende que os acadêmicos devem participar tanto do governo, quanto da vida privada, evitando ênfases unilaterais. Este é o último dos seis pontos levantados por Nishi ao longo de seu artigo sobre os argumentos de Fukuzawa em *Gakusha no shokubun wo ronzu*. O autor considera uma espécie de alarde dúbio a afirmação de Fukuzawa de que os acadêmicos dos estudos ocidentais devam abandonar o governo e atuar somente na iniciativa privada, para a melhor preservação da independência nacional. Para Nishi, a ideia é fruto de generalizações que não se embasam fatos. Entretanto, o filósofo concorda com Fukuzawa quanto ao autoritarismo do governo Meiji ser uma continuação do xogunato:

Eu afirmaria como totalmente apropriadas aos nossos tempos as referências que Fukuzawa faz em relação à tradição contínua do governo autocrático do Japão e ao nosso povo ignorante que, agora como no passado, está sem poder e sem espírito. No entanto, mesmo com o desejo de reforma, provavelmente não conseguiremos alcançar sucesso com um único golpe, pois esses males não surgiram da noite para o dia. Em um país como nosso, em que o clã teocrático original foi seguido pelo sistema imperial chinês e depois pelo domínio militar, opressão e servidão foram questões diárias por 2500 anos. Mesmo que a Restauração tenha afirmado com força instituições ocidentais, isso foi há sete anos. Além disso, a Restauração, que surgiu através do *sonno joi*<sup>7</sup>, foi tocada com opressão e servidão, aos quais a nação se adaptou de forma natural, tal qual a arroz e pickles *takuan*. Ainda que queiramos alcançar um sucesso rápido em um dia, isso não é um esquema para assar aves antes delas serem capturadas? Essa condição não é uma peculiaridade do nosso país. Na região ao nordeste dos Himalaias e Pamires, ainda encontramos povo e governos que não abrem mão dessas tradições de despotismo e servidão. (NISHI, v.2- 4 in YAMAMURO e NAKANOME, 1999, p. 77)

Refletindo sobre a História do Japão, Nishi enxerga que a Restauração se deu através de meios violentos e autoritários, um reflexo de todo o processo histórico nacional e que o povo aceitou a opressão porque ele já estava acostumado com isso, evocando a imagem da refeição frugal e popular do arroz branco com os pickles *takuan*. Isso causa um atraso natural no processo de civilização, sendo necessárias medidas que aos poucos tragam o espírito da nação para longe de noções de despotismo e servidão. Outro ponto de concordância entre os dois autores está na situação da academia japonesa em relação à ocidental, assim como os setores econômicos e o âmbito legislativo japonês:

Fukuzawa afirma que o Japão ainda não está no mesmo nível que terras estrangeiras no aprendizado, comércio e legislação, e que nosso país irá perder sua independência se não se exceder nesses três campos — até mesmo um leigo pode perceber isso — e é verdade. Todavia, é fútil voltar-se violentamente para essa questão sem enxergar sua origem. Até sete ou oito anos atrás, a suposta academia limitava-se a esfera dos Quatro Livros e dos Cinco Clássicos<sup>8</sup>. Até mesmo esses clássicos chineses eram meros brinquedos. Quando rebaixados, tais estudos são pareados com a cerimônia do chá e arranjos florais, e quando exaltados, eram comparados, no máximo, com as artes da arquearia, do hipismo, espada e lança. Elevamos nossa academia rapidamente para competir frente a frente com a academia ocidental não seria algo de pouco cunho prático? Nesse sentido, acredito que não podemos afirmar que mesmo nossos melhores pensadores conseguiram adentrar nos mistérios da chamada academia ocidental. A elevação da academia é algo que levará gerações, o mesmo vale para as áreas legislativas

7 Sonnô Joi é o lema do grupo que se opôs à abertura do Japão a partir de 1853, com a chegada da frota negra do Comodoro Perry em 1853. Significa “reverência ao Imperador, expulsão dos bárbaros”.

8 Os cânones confucionistas que formavam a base de toda a educação formal chinesa e japonesa.

e financeiras. Nós ainda seguimos tradições Tang e Ming em assuntos legais, adotando meras interpretações ocidentais. Quando nossos juizes e advogados abandonarão os costumes ultrapassados do *kujikata tomeyaku*<sup>9</sup> e do *kujiyado*<sup>10</sup>? Como compará-los aos níveis ocidentais da lei? (NISHI, idem, p.78-9)

O cerne do pensamento de Nishi Amane é que o Japão está tão atrelado a séculos de costumes chineses a ponto de inúmeros aspectos de sua cultura não poderem ser rapidamente pareados aos do ocidente, principalmente as áreas acadêmica, financeira e legislativa. Nishi cita exemplos da predileção dos grandes acadêmicos pelos clássicos do cânone confucionista e que, em questões legais, eram seguidos costumes das dinastias Tang (618 – 907) e Ming (1368 – 1644). Nishi faz uma defesa aos estudantes e acadêmicos dos estudos ocidentais ao responder o argumento de Fukuzawa de que os jovens leem alguns poucos livros e já almejam tornar-se oficiais. Para Nishi isso é uma injustiça com os estudantes, pois sabe-se que o governo criou uma grande demanda por pessoas que consigam ler livros ocidentais, portanto, qual seria o mal em almejar uma posição oficial fazendo uso de suas habilidades? O autor também lembra que no período Edo, os homens do governo samurai eram em sua maioria militares; logo, essa mudança do corpo oficial ser constituído por intelectuais e estudantes pode ser visto como um pequeno avanço rumo à civilização. Nishi também considera injusto e inapropriado Fukuzawa afirmar que os estudiosos ocidentais bajulam o governo e são subservientes a ele nas publicações de jornais e revistas. Para Nishi, essa característica pertence a acadêmicos e políticos ligados ao xintoísmo. (idem, p. 79-80). Nishi conclui seu texto afirmando, como seus colegas, que os acadêmicos devem seguir o curso que melhor apeteçê-los individualmente:

Em suma, é de minha opinião que, já que os indivíduos se diferem tanto em suas habilidades, como em suas intenções, é igualmente apropriado, até mesmo para aqueles envolvidos com estudos ocidentais, que sirvam ao governo ou que permaneçam em suas vidas privadas. Estou perfeitamente ciente que sou uma pessoa sem importância que contribuí apenas com algumas pequenas traduções ao governo, e tenho, a muito, respeito ao espírito exaltado de meu honrado amigo. Sinto que eventualmente seguirei seus passos, embora ainda não tenha encontrado a resolução e o entusiasmo para tal. (NISHI, idem, p. 82)

Mori Arinori, o membro fundador da *Meirokeisha* e polêmico pensador das reformas Meiji tece duas grandes críticas a pontos específicos de *Gakusha no shokubun wo ronzu*: as afirmações “Um país só pode ser organizado com sucesso se o governo e o povo estiverem

---

9 *Kujikata* é uma compilação de decretos e precedentes legais datada de 1742, para uso dos oficiais da lei (*tomeyaku*).

10 *Kujiyado* eram estadias licenciadas onde litigantes eram hospedados durante um processo, no período Edo (1600-1868).

lado a lado” e “o progresso da civilização na sociedade não deve depender somente do poder dos governos”. Mori discorda da visão sobre o povo que Fukuzawa parece ter e estabelece uma definição própria:

O povo possui obrigações militares e civis que não podem ser ignoradas e que são vitais à nação. Não pode haver dúvidas de que o povo deve honrar essas obrigações com a melhor de suas capacidades. Perguntando-se quem o povo é, o termo diz respeito às pessoas que possuem direitos associados a obrigações e a deveres que envolvem responsabilidades. Oficiais, aristocratas e pessoas comuns são, portanto, todos inclusos no povo. Ninguém listado nos *hanseki*<sup>11</sup> pode evitar a classificação como um cidadão japonês que deve assumir as responsabilidades. Além do mais, o governo, que é o governo de todas as pessoas, é estabelecido pelo povo e para o povo. Existiram monarcas absolutos na Europa que governavam como bem queriam, pois a autoridade real era ilimitada e os direitos políticos eram mantidos por uma família. A partir disso, surgiram discórdias e distúrbios entre o povo despojado de forma que monarquias ou repúblicas limitadas geralmente eram estabelecidas restringindo o poder absoluto e compartilhando amplamente o poder político. Entretanto, nunca ouvi dizer de um exemplo ou teoria em que governo e povo, lado a lado, estimulem e conciliem um ou outro. (MORI, v.2-2 in YAMAMURO e NAKANOME, 1999, p. 69-70)

Mori Arinori reitera a ideia de que tanto o governo, quanto a nobreza e as classes populares são formados por pessoas. A ideia de Fukuzawa de que “governo e povo devem andar lado a lado” soa absurda para Mori. Para o autor, por princípio, um governo que não é absoluto possui poder popular. Ele aponta como exemplo as monarquias absolutistas europeias, derrubadas por levantes populares, dando a criação a repúblicas ou monarquias moderadas, onde o poder político era compartilhado. O ponto, portanto, é que não existe uma situação em que o povo e o governo em um Estado não absoluto sejam entidades distintas, conforme afirma Fukuzawa.

Talvez a crítica mais severa de Mori Arinori às visões de Fukuzawa seja sobre a participação do governo no avanço da nação.

É impossível considerar o progresso da civilização em uma sociedade como responsabilidade governamental. Afinal, essa responsabilidade está com o povo que compreende e promove a civilização. Pessoas que promovem a civilização devem avançar o interesse público na sociedade e exercer suas responsabilidades como um povo em conformidade com suas respectivas visões pois elas compreendem bem suas posições e têm sucesso nas questões públicas. Não faz diferença se promovem a civilização no privado ou como oficiais. A intenção de Fukuzawa em apontar um rumo para os homens da nação através de seus afazeres privados deve ser encarada como

---

11 Os registros de população e terras que compunham os *han*, os domínios feudais controlados pelos antigos daimios.

seu propósito. É uma intenção gratificante para os tipos de homens que conseguem honrá-la. No entanto, sua intenção não deixa de ser tendenciosa ao discutir o interesse público, comparando serviços públicos com privados. Assumindo que os proveitos públicos provindos do serviço oficial não igualam aos ganhos sociais provindos do serviço privado, então a sociedade só teria a ganhar se os acadêmicos se afastarem da vida oficial, deixando o governo para os iletrados. Creio que essa não é bem a ideia do professor. (MORI, idem, p. 71-2)

Mori chama atenção para as responsabilidades do povo para com a nação, em relação ao avanço da sociedade. Para ele, assim como todos seus colegas do volume, não importa o âmbito onde o indivíduo cumpre suas responsabilidades, seja ele público ou privado. Apesar de Mori reconhecer em Fukuzawa a boa intenção de clamar o poder público, afirmando que o “ensaio sobre o estabelecimento do poder popular é suficiente para comover o leitor, com seu sentido claro e sua lógica bem desenvolvida”, o autor reconhece nos argumentos de Fukuzawa uma visão problemática. Para Mori, quando Fukuzawa aponta a iniciativa privada como o meio correto para os acadêmicos dos estudos ocidentais trabalharem em prol da nação, ele está sendo tendencioso. Mori ironiza Fukuzawa ao visionar uma situação em que o governo acabaria ficando na mão de pessoas iletradas, quando todos os acadêmicos partirem da vida pública, focando-se na iniciativa privada.

Em linhas gerais, esses são os posicionamentos dos quatro autores do segundo volume da *Revista Meiroku*. O cerne de toda a discussão está na disputa entre as ações do poder privado e do poder estatal. Fukuzawa constrói uma argumentação pautada na defesa do indivíduo “iluminado”, independente, cujas ações seriam capazes de moldar a nação, sendo distintas do poder do Estado. A relação entre governo e povo japonês é algo que paira por toda a discussão. Mori Arinori, por exemplo, defende que faz parte do povo todo indivíduo que seria considerado um “cidadão japonês” e que todos possuem deveres e responsabilidades para o desenvolvimento da nação. Tsuda Mamichi afirma que mesmo que exista uma questão histórica que envolva a opressão popular pelo Estado japonês, é possível que o espírito oprimido do povo possa ser liberado através dos conceitos de independência e liberdade; não é um posicionamento tão diferente ao de Fukuzawa ao longo do que nos é apresentado em *Gakusha no shokubun wo ronzu*, mas Tsuda não corrobora com a postulação da exclusividade das atividades intelectuais privadas (v. 2, p. 65). Nishi Amane envereda pelo mesmo caminho, afirmando que o Estado age de forma opressora, mas também não defende a “ênfase unilateral no academicismo privado” (v.2, p. 82). Katô Hiroyuki é o único membro a definir a postura de Fukuzawa como liberal, mas alerta que é necessário um equilíbrio entre as forças liberais, ligadas à iniciativa privada, e ao poder do Estado.

Concluimos que é natural nestas discussões os homens terem adotado posturas menos radicais que Fukuzawa, pois todos ali eram intelectuais e oficiais do governo. Os autores concordam com Fukuzawa em muitos pontos, em especial, na noção de que o povo japonês, em termos gerais, não estaria devidamente pronto para a nova etapa de civilização que a Restauração Meiji traria, o grande cerne do argumento de Fukuzawa em *Gakusha*

*no shokubun wo ronzu*, de que a propagação de modelos modernos de civilização deveria ser encabeçada por intelectuais e acadêmicos dos estudos ocidentais agindo de forma completamente desassociada do Estado japonês, permanece o maior ponto de contenda entre os cinco senhores do Grupo Meiroku que participaram dessas discussões.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NISHIKAWA, Shunsaku. Fukuzawa Yukichi. In: **Prospects: the quarterly review of comparative education** (UNESCO: International Bureau of Education), vol. XXIII, no. 3/4, 1993, p. 493–506. Disponível em: <[https://web.archive.org/web/20150924032632/http://www.ibe.unesco.org/fileadmin/user\\_upload/archive/publications/ThinkersPdf/fukuzawe.pdf](https://web.archive.org/web/20150924032632/http://www.ibe.unesco.org/fileadmin/user_upload/archive/publications/ThinkersPdf/fukuzawe.pdf)>. Acesso em: 06/03/2021.

Keiogijuku University. **The Keiogijuku University a brief account of its history, aims and equipment**. 1912. Disponível em: [https://archive.org/details/bub\\_gb\\_Qg1KAAAIAAJ/page/n33/mode/2up](https://archive.org/details/bub_gb_Qg1KAAAIAAJ/page/n33/mode/2up) Acesso em 5/03/2021.

FUKUZAWA, Yukichi. **Gakumon no susume** (Incentivos ao Estudo). Tóquio: Keiogijuku University, 1872. Disponível em: <[https://www.aozora.gr.jp/cards/000296/files/47061\\_29420.html#midashi450](https://www.aozora.gr.jp/cards/000296/files/47061_29420.html#midashi450)>. Acesso em: 05/03/2021.

MORI, Arinori. Gakusha shokubun-ron no hyō [Comentários acerca de Discussão sobre o Papel dos Acadêmicos] In: YAMAMURO, Shin'ichi, NAKANOME, Tetsu. **Meiroku Zasshi (jô)** (Revista Meiroku I). Tóquio: Iwanami Bunko, 1999.

TSUDA, Mamichi. Gakusha shokubun-ron no hyō [Comentários acerca de Discussão sobre o Papel dos Acadêmicos] In: YAMAMURO, Shin'ichi, NAKANOME, Tetsu. **Meiroku Zasshi (jô)** (Revista Meiroku I). Tóquio: Iwanami Bunko, 1999.

KATÔ, Hiroyuki. Fukuzawa sensei no ron ni kotaeru [Em resposta à Discussão do Professor Fukuzawa] In: YAMAMURO, Shin'ichi, NAKANOME, Tetsu. **Meiroku Zasshi (jô)** (Revista Meiroku I). Tóquio: Iwanami Bunko, 1999.

NISHI, Amane. Hi gakusha shokubun-ron [Críticas a Discussão sobre o Papel dos Acadêmicos.] In: YAMAMURO, Shin'ichi, NAKANOME, Tetsu. **Meiroku Zasshi (jô)** (Revista Meiroku I). Tóquio: Iwanami Bunko, 1999.

Keio University History. In: **Keio.ac.jp**. Disponível em: <<https://www.keio.ac.jp/en/about/history/>> Acesso em: 07/03/2021.

Introduction to Confucian Thought. In: **Columbia University, Asia for Educators**. Disponível em: <[http://afe.easia.columbia.edu/special/china\\_1000bce\\_confucius\\_intro.htm](http://afe.easia.columbia.edu/special/china_1000bce_confucius_intro.htm)> Acesso em: 15/06/2021.

*Recebido em 17 de maio de 2022  
Aprovado em 07 de dezembro de 2022*